Recital
Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

CABO VERDE DE VOZES AVELUDADAS

Cabo Verde's smoothie voices

A Martinho Brito e Laura Torres

O voo até a África mostrou-se longo e saudoso. A declaração de amor que no Brasil ficava preencheu seu coração vazio e sangrento — as exatas cores e o justo cheiro do solo e do pôr do sol das terras além-mar para onde se destinava.

Pouso. O lugar a estranha: clima inóspito, paisagem desconhecida, pessoas peculiares para seu olhar ainda estrangeiro. Ela buscou alguma voz aveludada para lhe chamar de família. Encontrou um sorriso transparente, sob a negritude da noite, das peles, da ausência de luz elétrica. Britoum lhe falava um lindo português, com certa influência espanhola. Em seguida, deixou-a no apartamento — que lar seria — nos seus próximos meses.

Solidão. Ao sair à rua, a mulher, metade menina para os seus vinte e nove anos, apelidada fora de "branca" e "cooperante" por seus vizinhos; e um grupo de miúdos — que a cada dia aumentava — constantemente lhe vinha pedir dinheiro. Dando-lhes o que queria, parecia o lógico. Não era. Jamais teria sido.

A cidade começa a ganhar vida: escolas reiniciam o semestre letivo, adultos voltam ao trabalho, jovens vão ao mar e às compras. A mulher sente que quer pertencer ao lugar e derrubar as linhas imaginárias que a separam dele. Entra ao mar, conversa com miúdas, senta-se em um pequeno bar, logo em frente ao seu dormitório. Lá, recebem-na dois simpáticos casais de caboverdianos. Entre eles, língua crioula. Ao se dirigirem a ela, língua portuguesa.

— Podem me ensinar um pouco de crioulo?

Silêncio altivo. Algumas barreiras jamais seriam transpostas.

Amigos. Amigos de estudo, de uma História que também pertencia àquela mulher e que foi lhe negada, até então. Amigos de embriaguez, que lhe fizeram sentir os calores do mar de Cabo Verde, em plena madrugada, relembrando aquele tempo quando ainda se permitia observar as folhas caindo lenta e esteticamente das árvores. Amigos das viagens, que a convidaram a experimentar as dores de um passado quase apagado da memória coletiva. O sorriso de Britoum,

embora transparente, jamais haveria de ser aveludado, pois a herança da escravidão e do Tarrafal era passada a ferro na pele, livro feito de animal açoitado.
Hora de partir. Na indestrutível lembrança, nas fugidias lágrimas e na queimada pele, registrada estava a única expressão aprendida em crioulo "Si kâ tâ badu, kâ tâ biradu". A narrativa que explica a origem dos dizeres pelos africanos, a mulher guarda na sua caixa de afetos e segredos. Foram eles, os ilhados africanos — que se negam a sê-lo — que enxergaram na cooperante-integrada, por alguns momentos, uma entre os seus e suas.
Essa mulher, que partiu de Cabo Verde e teve também o coração partido, ganhou identidade, apesar de assumir um nome qualquer. É brasileira, adulta sem metades, branca, com História escravocrata. Como vítima ou algoz, tornou-se pobre pela ascendência com aqueles muitos que não tiveram direito de chegar e partir; ou rica, pela descendência com outros poucos que retiraram a vez, a vida, o direito de ser dos negros, os quais, outrora, quem sabe, haveriam de cantar cantares costurados com veludo e bordados com vozes ainda mais aveludadas. Nunca se saberá.

Virgínia AVILA
virginiaavilaoliveira@yahoo.com.br

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 1, n. 1, mai/ago 2019.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital